

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Um autor em diálogo com o mundo contemporâneo [An author in dialogue with the contemporary world]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-09 07:33:04
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/159686">http://hdl.handle.net/20.500.12424/159686</a>

## Um autor em diálogo com o mundo contemporâneo

Perseguido junto com Sartre por apoiar a Guerra da Argélia contra a França, Merleau-Ponty tem obra vasta e atual. Luiz Augusto Passos conta quais são as relações entre a fenomenologia do pensador francês e Paulo Freire nos movimentos sociais brasileiros na década de 1980

POR MÁRCIA JUNGES

Um autor a ser revisitado e que estabelece diálogos entre diversas correntes filosóficas e científicas. Assim é Merleau-Ponty, assinala o professor Luiz Augusto Passos, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Esse autor denuncia a pedagogia “adultocêntrica” e que não tem ouvidos e olhos para entender a criança, apontando que os pequenos vivem o mundo nele mergulhados por todos os poros. Merleau-Ponty “cultiva teimosia quase obsessiva de voltar sempre ao início, de fazer perguntas instigantes e de promover tremores de terra nas áreas já pacificadas, na suspeita de que é necessário uma hipercrítica. Nesse sentido, numa época em que se retornam a evidências ‘estabelecidas’ ou à deificação das ‘incertezas’ como caminho e prática individuais ou sociais, é bom visitar Merleau-Ponty”.

Passos possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora Medianeira, São Paulo; graduação em Teologia pelo Colégio Máximo Cristo Rei, de São Leopoldo, RS; mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; doutorado em Educação Pública pela Universidade Federal de Mato Grosso; e doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente leciona na UFMT e é um dos organizadores do Simpósio Internacional Merleau-Ponty vivo aos 50 anos de sua morte. Percursos ao redor da fenomenologia aos 90 anos do nascimento de Paulo Freire (<http://gempo.com.br/portal/>), que ocorre de 10 a 12 de novembro nessa universidade. É um dos autores de *O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola* (Cuiabá: EdUFMT, 2010) e escreveu *Filosofia para educadores* (Cuiabá: EdUFMT, 2008). Seu site pessoal é <http://gempo.luizaugustopassos.com.br/> Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais são os maiores motivos para se lembrar Merleau-Ponty 50 anos após sua morte?**

**Luiz Augusto Passos** - Os maiores motivos desta memória é o fato de Merleau-Ponty se constituir num autor que costura consensos no diálogo de distintas correntes filosóficas e científicas. Grandes problemas da humanidade, pelos processos de globalização, se agudizam por tratamentos sempre localizados e parciais, pois são compreendidos como dissociados da rede de interações que compõe a pessoa, as sociedades, o mundo e as questões do universo. Às crises globais respondemos com tratamentos periféricos ou sintomáticos. Buscam-se intervenções eficazes mediante tecnologias de alto impacto exclusivamente voltadas ao

mercado. Ignora-se a fragilidade da vida, e as correções produzem um nível de exclusão das sociedades empobrecidas e em situação de vulnerabilidade ambiental. O pretendido progresso impõe a destruição dos meios de vida, de sobrevivência com destruição de padrões ético-políticos, aniquilação das pessoas pela hipertrofia de partidos e de estado, ou o seu contrário, a afirmação do individualismo e absolutização do narcisismo solitário contra processos de solidariedade e convivência. Sobrevive um materialismo prático destituído de espiritualidade pessoal e sem mística; ou o seu contrário grandes corporações religiosas que sobrevivem de sacrifícios humanos, por interesses monopolistas. Mantém-se a diluição dos direitos humanos numa

atmosfera de justicialismo vazio. Não será possível a felicidade humana, sem que se afirme a esperança na vida em face da dissociação de nossa condição de seres políticos e voltados à comunicação e à comunhão, encarnado em estruturas políticas. Singulares e únicos, particulares como membros de comunidades específicas, universais não apenas enquanto gênero humano, somos seres planetários em comunhão através de uma relação inextricável de todos/as com tudo e todos/as com todas as criaturas animadas e inanimadas do universo.

**Eu-outro-mundo**

Isso corresponde a um programa geral da filosofia de Merleau-Ponty?

Absolutamente não. Ele, contudo, jamais ignorou todas essas dimensões em conjunção e se empenhou também em sua vida com todas as questões que dissesse respeito à guerra, ao terror, à desumanização, à hegemonia, à dominação, à emancipação política, à beleza e ética, à diferença cultural. O que ocorre é que Merleau-Ponty examinou e tematizou todas essas coisas da vida, da existência, dando-lhes o estatuto filosófico, tratando-as em sua origem primordial: a indissociabilidade do eu-outro-mundo; do espaço, tempo, da sexualidade. A *fenomenologia da percepção* registra o equívoco do divórcio entre as polaridades dialéticas pelas quais, diz Merleau-Ponty, todas as filosofias falam de sujeito e objeto, e não raro ou jogam fora o objeto para salvar o sujeito, ou jogam fora o sujeito para garantir a objetividade. Proclama até o fim de que não se neguem as contradições, articulando até o fim os polos contrários, sem eliminar as contradições, trabalhadas na perspectiva da vida.

Adauto Novaes, em entrevista à revista *IHU On-Line*, menciona uma das contradições que se tenta driblar. Diz ele, “suspeitamos que nosso maior problema, hoje, está no descompasso da relação entre ciência e pensamento”. Ou, para usar os termos do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, no surgimento da rivalidade entre o conhecimento científico e o saber metafísico, entendendo por metafísico “não a construção de conceitos através dos quais tentaríamos tornar menos sensíveis nossos paradoxos”, mas como a experiência de todas as situações da história pessoal e coletiva, “e de todas as ações que, assumindo-as, as transformem em razão”. A conclusão de Merleau-Ponty no ensaio *O Metafísico no Homem* define bem nossa condição, hoje: “Uma ciência sem filosofia não saberia dizer literalmente do que fala; uma filosofia sem exploração metódica dos fenômenos só chegaria a verdades formais, isto é, a erros”. Estas são algumas razões que norteiam o evento da UFMT: retomar o caminho difícil de explicitar as ambiguidades, difundir a literatura do filósofo francês, torná-la inspiração teórico-metodológica das pesquisas, e responder ao interesse de

## “Merleau-Ponty se constitui num autor que costura consensos no diálogo de distintas correntes filosóficas e científicas”

professores, mestrados, doutorandos, professores das redes públicas e particulares.

### Grandes narrativas

Relembro, ainda, uma avaliação de Creusa Capalbo, companheira de estudos do professor Antonio Joaquim Severino, na Universidade Católica da Bélgica, que foi uma das primeiras brasileiras, junto com Joel Martins, a estudar com afinco a fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty. Antonio Joaquim Severino trará da Bélgica também o apreço acerca da obra de Emmanuel Mounier<sup>1</sup>, que se inspirava na fenomenologia de Husserl, e é sobre Mounier que Severino fará sua tese doutoral na PUC-SP. Pode parecer às pessoas que possuam menos contato com a obra de Merleau-Ponty que ela seja uma obra superada ou secundária.

É preciso lembrar que a professora Marilena Chauí<sup>2</sup> produziu sua tese na Sorbonne sobre as anotações desse autor, nos últimos anos de sua existência, quando ministrava aulas no Collège de France. E nesse lugar Merleau-Ponty produziu um projeto ambicioso de revisão em todas as áreas da filosofia com reverberações para todo o conjunto das ciências a partir de balizas inéditas, e quais delas “dariam o que pensar”, menciona Chauí. Seu diálogo era um diálogo com o mundo

<sup>1</sup> Emmanuel Mounier (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária, disponível em <http://migre.me/30s20>. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Marilena Chauí: filósofa brasileira reconhecida pela sua ativa participação no contexto do pensamento e política brasileira. (Nota *IHU On-Line*)

contemporâneo. Ora, a fenomenologia sempre quis ser um âmbito de interlocução entre os múltiplos olhares das ciências e das filosofias. O plural que uso é imprescindível, posto que o fato de haver algum meio de campo consensual nessas ciências e nas filosofias, mas nenhuma das duas deve ser reduzir ao campo do consenso.

Penso que não se possa e não se deva restringir conhecimentos, saberes, às grandes narrativas, que pretendiam englobar em visões sistêmicas e orgânicas uma visão de mundo que pretendesse dar conta de tudo. Merleau-Ponty abriu um diálogo ampliado com as posições filosóficas clássicas, o positivismo e o idealismo; debruçou-se também sobre a tradição existencialista e marxista, com as ciências humanas de modo geral: psicologia, pedagogia, antropologia, psicanálise, psiquiatria, ciências políticas, ética, dimensões da guerra, da violência, do terror, do reconhecimento. Isso tornou possível a busca de cotejar diferenças, buscando reiteradamente trazer às luzes invisibilidades e promover um conjunto de dimensões que permitissem evitar escolha entre a produção das ciências e aquela das filosofias.

### IHU On-Line - Por que sua obra é inspiração crescente para todas as áreas do conhecimento?

Luiz Augusto Passos - Merleau-Ponty possui - vou utilizar a expressão do nosso poeta maior mato-grossense Manoel de Barros - uma ampliada noção dos (des-) limites do conhecimento humano e da produção da cultura e das ciências. Cultura e ciência ficaram empobrecidas quando se fecharam em dogmas, definitivos e conclusivos, sob pretensos saberes que delimitam a região do “conhecimento competente”, reservando, como sugere Marilena Chauí, áreas circunscritas para os discursos desautorizados. Merleau-Ponty, a cada achado, debruçava-se outra vez a perguntar pelo “fundo de silêncio que recorta as palavras”. Cultiva teimosia quase obsessiva de voltar sempre ao início, de fazer perguntas instigantes e de promover tremores de terra nas áreas já pacificadas, na suspeita de que é necessário uma hiper-crítica. Nesse sentido, numa épo-

ca em que se retornam a evidências “estabelecidas” ou à deificação das “incertezas” como caminho e prática individuais ou sociais, é bom visitar Merleau-Ponty.

### Incapacidade de sínteses

Ele se situa numa conexão pouco visível, na interface entre o moderno clássico e o pós-moderno: dialoga com Descartes, Kant e Hegel; com Marx, Scheller, Freud e Kafka; com Mauss e Lévi-Strauss; com Nietzsche, Foucault e Derrida. Inaugurou áreas de estudos pré-anunciadas por suas teorias que receberam confirmações de importantes descobertas, o circuito da sinestesia corporal, a aprendizagem corporeidade, a transcendência cotidiana; da impossibilidade de ver figura-fundo (a mulher idosa não poderá jamais ser percebida, ao mesmo tempo, com a moça): testemunha nossa incapacidade de síntese: a “fé perceptiva” sobre o outro lado do cubo que não vemos e dizemos que está lá. Percepções corporais vividas produzem um conhecimento do mundo mais adequado, por vezes, que aqueles das ciências modernas.

Meu filho Matheus tinha menos de vinte dias, eu assobiava e via a atenção quase estática como ele me observava. De súbito, cada vez que eu assobiava ele produzia um biquinho como se fosse imitar. Minha mulher dissera que era impressão minha. Comecei a assobiar e ele se encantou por ver a comunicação que havia entre ele e eu. O professor Di Clemente<sup>3</sup> (Grupo de Estudos, Educação & Merleau-Ponty - Gempo/UFMT) menciona a existência, em Merleau-Ponty, do que se pode chamar um “cérebro” antes do cérebro. Os progressos na neurociência, na saúde, no urbanismo, na estética têm partido de contribuições significativas.

**IHU On-Line - Quais são as principais contribuições desse pensador para a filosofia, em específico à fenomenologia e à educação?**

**Luiz Augusto Passos** - Convocávamos nosso encontro falando da existência de fissuras, mas talvez se expresse

<sup>3</sup> Leia uma entrevista com ele publicada nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

**“A criança vive o mundo, mergulhada por todos os poros nele, numa relação visceral, intuitiva, cheia de significados, sem que nos seus primeiros anos, possa concebê-lo e expressá-lo como ‘objeto’ do pensamento”**

melhor por alguns abalos sísmicos nas ciências contemporâneas, causados por Merleau-Ponty. Ele contribuiu para alguns consensos, pelo rigor, precisão e linguagem poético-literária que o ajuda a criar conceitos adequados à compreensão dos fenômenos. Ora, as ciências contemporâneas, obcecadas com o fato de que algumas coisas vão mal, trabalham compulsivamente para evitar o naufrágio. O que ocorrerá, caso não forem revistas algumas inadequações acerca da compreensão do mundo, do ser humano, das relações nossas com os/as outros/as e com o mundo? Muitos aspectos da fenomenologia merleau-pontyana não causaram ainda o imprescindível “espanto aristotélico”, essencial para a crítica de paradigmas, das pesquisas. Vou sair de generalidade e exemplificar, avisando que me aventuro, sem a intenção de que se ponha Merleau-Ponty nisso.

Piaget está imortalizado na coleção *Os pensadores*, como filósofo, irritado com textos de Merleau-Ponty que dificultavam alguns princípios da epistemologia genética. O ponto de discordância desencadeador era o texto *Em toda a parte e em parte alguma*, pelo qual Merleau-Ponty contrapõe o devir e o tornar-se, e a localização, como processo vivo. Assim o autor comenta que a filosofia está em todo lugar e em lugar algum, tanto quanto a vida estava em todo lugar e em lugar nenhum, não havia um local estático, um cérebro, que desse conta da abrangência da produção do conhecimento que

passava pela sinestesia de cada um e de todos os sentidos em simultaneidade, produzindo significações, que implicavam num conhecimento sensível, do qual inclusive Merleau-Ponty sugeria a necessidade de reaprender a ver um mundo impossível de se explicar, e que fugia e se recolhia em dobras, envolto em mistério.

### Adultocentrismo

Piaget não ignorou Merleau-Ponty. Leu-o e respondeu desautorizando que isso fosse falado em nome da ciência, entendendo na aporia de “em toda parte e em parte alguma” como licença poética absurda, antirracional, que poderia até atribuir-se a uma sabedoria de senso comum, mas não ao conhecimento das ciências. Merleau-Ponty está longe de ser considerado, por sua complexidade, na grande maioria dos cursos de psicologia e pedagogia. Sua obra *A pedagogia e a psicologia da criança* denuncia a pedagogia como “adultocêntrica”. Há uma forma prepotente e injusta dos pressupostos do desenvolvimento do conhecimento da criança, que a maltrata e, sobretudo, a ignora. A criança vive o mundo, mergulhada por todos os poros nele, numa relação visceral, intuitiva, cheia de significados, sem que nos seus primeiros anos possa concebê-lo e expressá-lo como “objeto” do pensamento. Cada um de nós viveu isso. Somos capazes de vivê-lo com intensidade e de compreendê-lo sensorial e intuitivamente, um mundo mais verdadeiro do que aquele expresso pela razão moderna.

A epistemologia genética tem sido preferencialmente o modelo tanto da pedagogia como da psicologia, que se difunde sem considerar a crítica de Merleau-Ponty. Há na epistemologia genética um sutil etnocentrismo alimentado por um evolucionismo linear - duramente atacado por Hobsbawm<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Eric Hobsbawm: historiador marxista do século XX. Autor de inúmeros livros, entre os quais *A Era dos Extremos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), *A Era do Capital* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era das Revoluções* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era dos Impérios* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988), *Bandidos* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976) e sua autobiografia, *Tempos Interessantes: uma vida no século XX* (São Pau-

em seu prefácio às *Formações pré-capitalistas* de Marx e Engels. Tese de que a humanidade e os sujeitos humanos são estrutural e substancialmente os mesmos; a diferença cultural com distâncias astronômicas de um grupo humano para outro mostra - na expressão de Clifford Geertz<sup>5</sup> - “fósseis humanos” ainda contemporâneos que sobrevivem nas sociedades sem estado, de sorte que essa condição ‘primitiva’ mostra a nós que eles hoje são o que éramos ontem. Do outro lado estamos nós, no plano civilizatório cultural mais complexo. No mais alto patamar de desenvolvimento, obtido pela superioridade do pensamento abstrato, lógico-matemático, que permitiu às sociedades capitalistas, brancas, criar esta sociedade que representa a melhor humanidade possível à qual todas as outras sociedades (atrasadas) deveriam ser estimuladas a diminuir a diferença através de processos tecnológicos de impacto, em curto prazo, acelerado diminuir as distâncias, posto que todas as sociedades estão destinadas universalmente a esse desenvolvimento, por justiça.

### Pedagogia sem ouvidos

Isso legitimaria, diz Hobsbawn, a intervenção do grupo em condições de superioridade de justificar intervenções por meio de aceleração qualificada, para fazê-lo amanhã o que somos nós hoje, permitindo-os o desenvolvimento máximo acenado aos humanos, os moldes da civilização ocidental. Isso se chama, no melhor português, assimilação! Perversão do nosso autoconhecimento que nega efetivamente o outro como o outro, e busca homogeneizar não os reconhecendo como humanidades universais, mas, ao mesmo tempo, diversas. Merleau-Ponty diz na *Fenomenologia da percepção* sobre o tempo o que se poderia dizer em todos os outros âmbitos: “Há mais verdade nas personificações míticas: Companhia das Letras, 2002). (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Clifford James Geertz (1926-2006): antropólogo estadunidense, professor emérito da Universidade de Princeton em Nova Jérsei. Seu trabalho no Institute for Advanced Study de Princeton se destacou pela análise da prática simbólica no fato antropológico, foi considerado, por três décadas, o antropólogo mais influente nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

## “Merleau-Ponty censura uma pedagogia que não tem ouvidos, olhos para entender a criança, e tem dela os estereótipos gerados por uma cultura tutelar, autoritária que pretende saber e oprime a diferença”

cas do tempo do que na noção de tempo considerado, à maneira científica, como uma variável da natureza em si ou, à maneira kantiana, (...) isso porque enfim há no coração do tempo um olhar, ou (...) alguém para quem a palavra possa ter sentido”<sup>6</sup>.

Professor Fabio Di Clemente, no seminário “Corpo Carne e Ser” que nos ministrava, comentava a severa crítica feita por Merleau-Ponty quando perante um desenho uma criança que expressara a imagem de sua mãe, e a proporção da lágrima excedia em espaço, o desenho. Para Piaget tratava-se de uma incapacidade e falta de maturidade para expressar a harmonia da proporção objetiva do conjunto que se apresentava no real; para Merleau-Ponty era por excesso de entendimento; a leitura preponderante naquela cena era expressa pelo que interessava agora: o sofrimento da mãe. Ela se atinha ao essencial colhido por sua percepção.

Merleau-Ponty censura uma pedagogia que não tem ouvidos, olhos para entender a criança, e tem dela os estereótipos gerados por uma cultura tutelar, autoritária que pretende saber e oprime a diferença concebendo-a, como expressara Dussel, que considera os oprimidos como exterioridade, apêndice e adereço de mau gosto, destituídos de centralidade, entendimento e interioridade.

Merleau-Ponty, ao tratar ainda, o outro, denuncia o processo excluden-

<sup>6</sup> Merleau-Ponty, 1979, p. 425. (Nota do entrevistado)

te e ratifica essa dimensão em suas críticas de *Mauss a Lévi-Strauss*, cujo olhar datado da modernidade não tem consciência de que seu olhar datado invisibiliza o que ela própria não pode e não quer ver. Além disso, reduz as outras sociedades pela transposição da epistemologia moderna, cientificista, de reduzir o desconhecido ao conhecido, de tomar emprestado o modelo das ciências da natureza e das suas sociedades para uma leitura contrastante e comparativa - não se comparam sem injustiça coisas diferentes! - impedidas de reconhecer o outro por ele mesmo, e olhá-lo como dependente, tutelado e “menor”. Não era raro afirmar que os nativos fazem rituais e conduzem cerimônias com alta densidade simbólica, mas precisam recorrer ao antropólogo para dizer-lhes o que estão mesmo fazendo. Reduz-se, assim, as sociedades à mesmidade, e como negativo e faltante nelas, daquilo que possuímos em excesso.

### IHU On-Line - Como se articulam os conceitos da fenomenologia de Merleau-Ponty e Paulo Freire nos movimentos sociais na década de 1980?

**Luiz Augusto Passos** - Somente no doutorado da UFMT, por provocação de Maria de Lurdes Bandeira de Lamonica Freire, fui desafiado a ler a *Fenomenologia da percepção* em diálogo com a descrição densa de Clifford Geertz. Isso se constituiu num privilégio e compromisso que herdei de levar adiante este diálogo. Paulo Freire, ao contrário, era trabalhado na Paróquia Nossa Senhora do Rosário, de Cuiabá, MT, dos jesuítas, da qual participei desde o final de 1979. O trabalho acontecia numa perspectiva freiriana no que dizia respeito às ações educacionais e políticas, aspecto indivisível de Freire. A paróquia mantinha movimentos populares e círculos de cultura, um deles sistemático no bairro Quarta-Feira, com crianças e adolescentes que faziam uma horta comunitária na casa da Ir. Dineva Vanuzzi, falecida há pouco, e se organizavam contra os processos de repressão conduzidos pelo Estado e pelo aparato policial militar que realizava execuções. A paróquia se inspirava na teologia da libertação e foi importantíssima a presença do padre João Ma-

noel Lima Mira<sup>7</sup> que iniciara em Cuiabá o trabalho com universitários improvisando um restaurante naturalista e macrobiótico, bem como aulas livres de kung fu. Tratava-se, pela teologia da libertação, de convergência com os mesmos caminhos da “gentificação” - isto é, a arte de contribuir na feitura das pessoas pela comunhão, proporcionando autonomia e emancipação, e atuação de denúncia e anunciação, na perspectiva do reino de justiça, que já estava em parte entre nós, reino de paz, liberdade, justiça e de vida em plenitude. O projeto de humanização plena, as dimensões da justiça, da liberdade estão todos presentes em Merleau-Ponty.

### Contato com o marxismo

Tivemos em vista em nossos trabalhos de pesquisa no GPMSE algumas orientações teórico-metodológicas que fomos buscar na fenomenologia de Merleau-Ponty. Sabíamos que havia uma imensa comunhão de Paulo Freire com o pensador francês. Tenho sobre isso um verbete no *Dicionário Paulo Freire* em que expresso mais extensamente a relação entre fenomenologia de Merleau-Ponty e Freire. Freire se dizia dialético e fenomenológico. Desde a *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire possui a consciência da relação visceral entre esta pedagogia e a fenomenologia. Mas implica, como em Merleau-Ponty, muitos pontos de contato com o marxismo. Alguns princípios nos impulsionam, como a inseparabilidade entre sujeito e objeto que coexistem, ainda que o mundo nos preceda. Merleau-Ponty pergunta: “Quando minha mão direita toca meu braço esquerdo, quem é que toca e quem é tocado?” Na verdade, sujeito e objeto se fundem naquele momento e adquirem uma coincidência inclusive sofisticada, na qual estou ao mesmo tempo dentro e fora de mim, imanente e transcendente a mim, vidente e sensiente ao mesmo tempo. Não aplainamos polos de contradição;

<sup>7</sup> João Manuel Lima Mira: padre jesuíta, morreu aos 61 anos de idade, em janeiro de 2010. Conhecido como Padre Mira, foi o primeiro estrangeiro, depois de 1400 anos, a ser acolhido, no Japão, no grupo xintoísta Yamabushi. Sobre sua vida e morte, leia a notícia publicada no sítio do IHU em 12-01-2010, disponível no link <http://bit.ly/urmiKl> (Nota da IHU On-Line)

**“O mundo só era natural no período precedente à nossa entrada nele. A partir daí temos a inauguração de uma confusão - assim chamada por Merleau-Ponty entre eu, outro, mundo, com certa reversibilidade inconclusiva”**

mantemos a ambiguidade - conceito merleau-pontyano - até o fim. Ambiguidade que só pode ser suprimida por má fé, ou admitindo uma preponderância de um dos polos sobre o outro. O mundo só era natural no período precedente à nossa entrada nele. A partir daí temos a inauguração de uma confusão - assim chamada por Merleau-Ponty<sup>8</sup> entre eu, outro, mundo, com certa reversibilidade inconclusiva. Buscar enxergar todos os sentidos possíveis, posto que a realidade é polissêmica e inesgotável.

Muniz Rezende dizia: há sentido, e alguns só percebidos por outros olhares. É preciso, reincidentemente, realizar uma interlocução de perspectivas e de olhares e dos lugares experimentados por outras humanidades que lhe permitiram conhecer o mundo só acessível por sua carne e naquele lugar donde nós não poderemos estar. Compartilhar desarmadamente sentidos significa crescer outros sentidos plausíveis que permitam ampliar o conhecimento do mundo e nos aproximar do sentido humano e histórico, antes invisíveis. Saber que a realidade é mistério, como nós mesmos somos mistérios, parcialmente revelados pela face do outro que me diz, em parte, o que sou. Vale Manoel de Barros: “O melhor de mim são os outros!” Não damos conta de nós! Somos incompletudes. O

<sup>8</sup> *Fenomenologia da percepção*, p. 518. (Nota do entrevistado)

mistério que somos, contudo, não nos conduz a um epistemicídio. Leonardo Boff diz de maneira feliz que mistério não é o que não podemos conhecer, mas que ao conhecer somos impelidos muito além, mostrando-nos outra vez nossa impotência da abraçar a totalidade. Merleau-Ponty fala de horizontes que aos nossos passos recuam sempre mais.

### Captando invisibilidades

Nossas pesquisas se voltam a investigar os sentidos que movem as pessoas, e priorizamos pessoas e movimentos coletivos dos setores populares por razão de justiça. Professor Di Clemente busca em Merleau-Ponty a relação do “sistema dos objetos” com “o sistema humano”, “abraçados”. Nossas pesquisas não comunicam apenas o que percebemos, mas de onde e como percebemos. Não nos negamos como autores/as, pois a interpretação só é plausível na intersubjetividade. Deixar explícito que nossos escritos possuem interesses, o que vemos, compreendemos e interpretamos não é de imaculada conceição. Não pretendemos que o que vimos e interpretamos seja ponto de chegada, síntese universalmente válida, conclusiva acerca do mundo: não é. Buscamos captar invisibilidades, sentidos ocultos. Não nos debruçamos sobre dados significativos estatisticamente, mas aqueles que quebram e que, apesar da globalização e da homogeneização - aquela singularidade ali circunscrita -, permite um mundo mais oxigenado e menos petrificado. Não pretendemos que nossos trabalhos e pesquisas tenham aderência universal e sirvam como receita de bolo a outras pesquisas.

### IHU On-Line - Quais são as proximidades entre o pensamento de Merleau-Ponty e Mounier?

Luiz Augusto Passos - Mounier teve duas faces muito decisivas. Era um filósofo de rara envergadura intelectual, um mestre e raro comunicador. Possuía uma coerência e envergadura ética que respaldava abrir diálogo com todas as correntes políticas e ideológicas e com os governos. Além disso, era um místico: cristão ativista, corporifi-

cava, diria Freire, o que acreditava. As proximidades entre Merleau-Ponty e Mounier vinham da atuação de ambos no campo da cátedra. No campo do diálogo político face às situações injustas, emprestava sua voz. Ambos eram homens de partido, com ideais democráticos e de justiça social muito definidos. As questões epistemológicas de Merleau-Ponty são ressaltadas na entrevista de Aduato Novaes. Di Clemente desenvolve as questões da bioética e da biopolítica em Merleau-Ponty em sua livre docência. Referência decisiva é aquela hoje expressa pela ética da libertação do argentino Enrique Dussel<sup>9</sup>, para Mounier e Freire: o princípio categórico e absoluto de qualquer ética é a vida, e a resistência e luta contra tudo que conduza à morte, como o terrorismo de Estado, os totalitarismos e qualquer opressão aos mais oprimidos.

### Perseguições

Merleau-Ponty fala que o totalita-

9 Enrique Dussel (1934): filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. É um dos maiores expoentes da filosofia da libertação e do pensamento latino-americano em geral. Autor de uma grande quantidade de obras, seu pensamento discorre sobre temas como: filosofia, política, ética e teologia. Tem se colocado como crítico da pós-modernidade chamando por um novo momento denominado transmodernidade. Tem mantido diálogos com filósofos como Apel, Gianni Vattimo, Jürgen Habermas, Richard Rorty, Lévinas. É um crítico do pensamento eurocêntrico contemporâneo. (Nota da IHU On-Line)

rismo é uma tara. Sai do Partido Comunista ao qual se filiara quando da invasão da Hungria. Sofre perseguição junto com Jean-Paul Sartre por apoio à Guerra da Argélia contra a França. Mounier é o grande criador da pedagogia da alternância retomada pelo Movimento dos Sem Terra - MST, e estendia a educação não somente aos jovens, mas às suas famílias. Ao contrário do que parece, Merleau-Ponty tinha um simpatia pela Igreja, mas sofria críticas por parte dela, pois pontuava a ausência da democracia interna, e as questões "enciclopedistas" que tomaram a moral sexual da igreja. Estava nas ruas de Paris nas grandes manifestações políticas, como Mounier e Freire.

Mounier estabeleceu grande corrente de diálogo onde vigia intolerância. Merleau-Ponty o fazia escrevendo. Em suas aulas era muito expressivo, mas tímido fora delas. Ambos consideravam ser a educação um direito, como tarefa política cuja centralidade era a própria o educando, fosse ele criança, adolescente ou adulto. Havia em ambos um conceito das crianças como seres de direitos inalienáveis e como cidadãos plenos. E toda a educação era voltada para a vida com uma perspectiva de conhecimento em profundidade e não em extensão, herança da Escola Nova de Dewey.

**IHU On-Line - Quais são as atividades previstas no Simpósio Merleau-Pon-**

**ty: cinquenta anos da morte do autor, organizado pela UFMT?**

**Luiz Augusto Passos** - Esperamos um público em torno de 450 pessoas no Teatro Universitário da UFMT. O clima é de exposição de telas inspirados no tema *Quiasma*, do artista plástico de renome internacional Claudyo Casares, uma delas realizada para a arte do evento, a releitura de *A dança* de Matisse. Começaremos com a execução da *Sonata de Viteuil* que Merleau-Ponty tinha por referência. Ela rompe com o sentido clássico, tanto quanto a estética merleau-pontyana, e terá arranjo do professor pesquisador e maestro Abel Santos, que a executará na Viola de Cocho cuiabana junto à camerata formada pela Orquestra Sinfônica da UFMT. Conferencistas de âmbito internacional, como Serge Latouche, Fabio Di Clemente, Creusa Capalbo, que circula nos ambientes merleau-pontyanos na Europa, e Edebrando Cavalieri (UFES) são conferencistas do encontro. Outras presenças serão Gabriel Mograbi (UFMT), Jovino Pizzi (UFPEL), Regina Célia Popim (Unesp), Reinaldo Matias Fleury (Mover/UFSC), Diélcio Moreira e Celso Prudente (Cinema Negro, Comunicação e Linguagem) e Guilherme Romanelli, pesquisador, maestro, e violinista da UFPR. O evento terá oficinas, rodas de conversa, apresentação de trabalhos, conferências comentadas e ampliadas. Portanto, uma festa no coração da América Latina, seu marco geodésico.

## Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011

Amartya Sen: o desenvolvimento como liberdade para a superação da fome, da miséria e do mal-estar social

Data: 7/11/2011

Prof. Dr. Flavio Comim - UFRGS

Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)